

EDUCAÇÃO MENOR COMO POTÊNCIA ÉTICA-ESTÉTICA **DANIELA DA CRUZ SCHNEIDER¹; JARBAS SANTOS VIEIRA²**

¹Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Pelotas – e-mail: danic.schneider@gmail.com

²Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Pelotas – e-mail: jarbas.vieira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A proposta de estudo de tese aqui apresentada, vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente. Desenvolve-se em torno da concepção de educação menor, no que tange sua potencialidade ético-estética. Defende a inseparabilidade, a imanência, entre ética e estética, sob uma perspectiva teórica da filosofia da diferença na educação. O problema central da pesquisa é feito a partir da seguinte pergunta: *Como a concepção de educação menor pode potencializar uma formação ética-estética da existência?* Pergunta provisória, que neste momento cumpre mais a função de vetorizar os estudos, do que apontar para uma direção fechada de pesquisa.

O estudo vem sendo e será desenvolvido a partir de pesquisa teórica-bibliográfica, assumindo algumas nuances do método cartográfico. O trabalho encontra-se em andamento. Assim, apresento como resultados da pesquisa a revisão dos conceitos centrais do trabalho: a concepção de educação menor, ensejada a partir do pensamento de Gilles Deleuze, e a concepção de ética como estética, engendrada na última fase do pensamento de Michel Foucault.

2. METODOLOGIA

O estudo vem se desenvolvendo como pesquisa de cunho teórico-bibliográfica. Opera com demanda da criação de um plano de conceitos, em a concepção de *educação menor*, inspirada no pensamento de Gilles Deleuze, e a concepção de ética-estética, na sua relação de imanência, engendrada a partir do pensamento de Michel Foucault, ganham centralidade e conduzem as problematizações deste estudo. As problematizações da pesquisa têm sido trabalhadas a partir da aproximação destas duas instâncias.

O estudo assume nuances da pesquisa cartográfica, ainda que não o assuma como principal método. O quadro conceitual sobre a qual se desenvolve as problematizações deste estudo para elaboração de tese doutoral toma como vetores a conceitos e concepções ensejadas na filosofia da diferença. Este posicionamento epistemológico aproxima, assim, o estudo de algumas premissas do método cartográfico, ainda que, até o momento, esteja sendo desenvolvido como pesquisa de cunho bibliográfico.

Uma das proposições da cartografia, que se afinam com o estudo aqui apresentado, é apontada por Bedin:

No lugar de *o que é isto que vejo?* (pergunta que remete ao mundo das essências), um *como eu estou compondo com isto que vejo?* Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa (BEDIN, 2014, p.70).

Não se trata, portanto, de uma pesquisa que busca a edificação de um novo modelo educacional. Antes, propõe uma atitude frente às possibilidades de se pensar a educação, inspirando mais experimentação e menos reprodução. Atitude esta que entra em sintonia com a cartografia não só como método de investigação, mas como um campo de ação, um campo de produção de pensamento na e para a educação.

Uma cartografia traça campos problemáticos, apresenta as conexões estabelecidas em um determinado caso, indica o que tais conexões fazem funcionar e as intensidades que elas fazem passar; não pergunta pela organização, mas pela composição; não se interessa pelo desenvolvimento, mas pelos movimentos que as problematização erguidas podem operar e pelos coeficientes diferenciais de velocidade que podem atingir (FERNANDES; VIEIRA, 2013, p. 176).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em andamento, centrando-se, neste momento na revisão bibliográfica. Os resultados são apresentados aqui de forma esboçada, dados os limites da apresentação deste trabalho. Procuro mostrar o mapa conceitual que vem sendo utilizado, evidenciando as duas principais concepções até agora trabalhadas: educação menor e uma possível imanência entre ética e estética.

A concepção de educação menor foi extensamente abordada na dissertação¹ de mestrado, defendida na mesma linha de pesquisa do doutorado. O conceito de educação menor é inspirado pela concepção de literatura menor, engendrado na obra Kafka – por uma literatura menor (1977), de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Foi o filósofo Sílvio Gallo (2008; 2002) quem fez o deslocamento conceitual, do campo da filosofia para a educação. Deleuze e Guattari conceituam a literatura menor a partir de três coeficientes: a desterritorialização, a ramificação política e o valor coletivo. Tais coeficientes são mantidos por Sílvio Gallo, na sua proposição de educação menor. A literatura menor, pensada por Deleuze e Guattari, aponta para a marginalidade e a ruptura da obra de Franz Kafka em relação à literatura tradicional. É no uso da língua que Kafka faz sua escrita se diferenciar e produzir o novo. É torcendo a língua oficial e fazendo derivações dos usos convencionais e oficializados que cria um estilo. No âmbito de uma educação menor, ela produz diferenças em relação a uma suposta educação maior: aquela dos documentos oficiais, das diretrizes e parâmetro curriculares nacionais; também aquela de modos tradicionais de pensar a eficácia dos processos formativos, nas quais uma homogeneização das experiências garante uma aparente padronização dos modos de ensinar e aprender. Tomando como vetor que “menor não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda a literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida)” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28). O menor, no sentido em que foi proposto, está matizado por uma potência revolucionária. E a potência revolucionária que se busca destacar neste estudo é a da criação: outras formas de produzir pensamento na educação. Uma forma que se aproxima mais da arte, de uma estética educacional.

Se cabe a nota, é possível perceber que o conceito de menor remete-se e advém diretamente de campos de atuação da estética: literatura menor, pensada desde a produção de Kafka; o *manifesto de menos* (2010), mostrando a forma como Carmelo Bene diferenciou a obra *Ricardo III* de Shakespeare. O menor em

¹ SCHNEIDER, D.C. *Verter a educação em arte : potências do conceito de pedagogia menor para o ensino de Artes Visuais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

Deleuze é, como já afirmado antes, um coeficiente de diferenciação. O menor se produz na relação com o maior, no sentido de fazê-lo variar, produzir uma diferença, criar sobre uma estrutura fundada e fundante. Assim, um dos vetores de localização sobre o mapa conceitual aqui traçado é não apenas trazer o conceito de menor e de uma possível educação menor pensada através de Deleuze, mas de explorar a dimensão estética da concepção de menor.

Na última fase de seu pensamento, Michel Foucault tratou dos modos de subjetivação da Grécia Antiga. Uma das concepções estudadas pelo filósofo foi o *cuidado de si*. Este imperativo ético diz respeito a certo modo de existência, nas quais os indivíduos conduziam suas vidas através de preceitos estéticos, a fim de transformá-la em uma obra de arte. E, por isso, associa-se a ética do cuidado de si à estética: ética-estética. Segundo Foucault, o cuidado de si pode ser entendido como “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer da vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (FOUCAULT, 1984, p.18). O trabalho de si sobre si mesmo é feito para a vida terrena, para o enfrentamento daquilo que sucede neste plano, estabelecendo uma relação de imanente com a realidade do mundo. O indivíduo afirma-se eticamente perante a vida, assumindo uma atitude estética e afirmativa na constituição de si. O imperativo ético do cuidado de si faz contraponto à moral cristã. Segundo Foucault, de um modo de existência baseado em preceitos estéticos e de uma atitude afirmativa e ativa perante a vida, com o surgimento do ascetismo cristão, passou-se a uma moral voltada para a *renúncia de si*. Esboçando, assim, alguma diferença entre ética e moral; ou ainda, uma assimetria de intensificação entre as duas, uma vez que se vê a atitude ética subsumida a moral. Isso, se por moral entende-se: “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.” (FOUCAULT, 1984, p.33). Ou ainda, em conformidade com Foucault, a moral não necessariamente será uma prescrição, mas modos difusos e plurais de orientar o comportamento. Entre eles, já ousando um diálogo com o campo educacional, que legitimam socialmente certo ideal humano, certos modos de vida, validam em detrimento de outros certos conjuntos de conhecimentos.

Já por ética entende-se uma espécie de atitude do sujeito frente à moral, ou ainda, “a maneira pela qual o indivíduo deve constituir tal parte dele mesmo como matéria principal de sua conduta moral” (FOUCAULT, 1984, p.34). Abrindo um parêntesis: vê-se o porquê de a ética estar indissociável da estética em um modo de conduzir a vida que se aproxima da obra de arte. Pois, pensar a criação de um estilo de vida, de um modo de existência estetizado, está afinado com o que propõe Gilles Deleuze (1992): a criação de um estilo de vida como a invenção de uma possibilidade de vida.

A concepção de ética-estética, ensejada a partir de Foucault, assim como a noção de menor em Deleuze, tangenciam-se através das suas dimensões criadoras, das suas potências de diferenciação. O estético aqui abordado como composição entre as duas citações a seguir: “a aisthesis, estética no sentido grego do termo, é um estar aberto ao mundo, aberto ao sensível do/no mundo e deixar-se contaminar” (MEDEIROS, 2005, p. 13); E, “o estético, que emerge na pluralidade, não pode ser desconsiderado, na medida em que traz o estranho, o inovador e atua decisivamente contra os aspectos restritivos da normalização moral, apontando um novo horizonte compreensivo para a questão irrenunciável da

exigência ética na educação” (HERMANN, 2005, p. 14). Hermann completa este fluxo, apontando para o investimento da educação nas dimensões moral e racional.

[..] desde sua significação mais originária, a educação pretende desenvolver uma ação que tenha sentido, formar homens que se sintam partícipes de uma comunidade moral e que sejam capazes de constituir-se como sujeitos autônomos. Ou seja, historicamente, a educação foi encarregada da formação humana, orientada pela ideia de unidade e moral universal, o que a leva a assumir um caráter normativo. *Se não encontra legitimação para sua ação, está configurado o impasse de educar com o completo esvaziamento da norma, o que lhe daria um caráter violento e arbitrário.* (HERMANN, 2005, p. 17, grifos meus)

4. CONCLUSÕES

O trabalho encontra-se ainda em fase de revisão bibliográfica, o que aponta para uma possível provisoriedade de alguns dos objetivos aqui traçados. Ainda assim, a pesquisa encaminha-se a defesa da educação pelas vias da experimentação, buscando nas concepções de *menor* de Deleuze e na imanência entre *ética e estética* em Foucault, para estruturar esta defesa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEDIN, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014.
- DELEUZE, G. Um manifesto de menos. IN: MACHADO, R. (org.). **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: Por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- FERNANDES, R.A.; VIEIRA, J.S. Estudar e aprender em duas cartografias. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 167-176, jul./dez. 2013.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GALLO, S. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n.02, p. 169-178, 2002.
- HERMANN, N. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- MEDEIROS, M.B. **Aisthesis: estética, educação e comunidades**. Chapecó: Argos, 2005.